

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA CULTURA DIGITAL**

CÁTIA ANDRÉIA GOLLMANN DILLI

**OS GÊNEROS DO DISCURSO E A CULTURA DIGITAL NA
LÍNGUA PORTUGUESA**

GUARACIABA – SC

2016

CÁTIA ANDRÉIA GOLLMANN DILLI

**OS GÊNEROS DO DISCURSO E A CULTURA DIGITAL NA
LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação na Cultura Digital.

Orientadora: Prof.^a M.^a Suziane da Silva Mossmann

GUARACIABA – SC

2016

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um estudo sobre os gêneros digitais na língua portuguesa tendo como objetivo compreender o trabalho nas aulas de Língua Portuguesa no nível de Ensino Fundamental, na Escola de Educação Básica Nereu de Oliveira Ramos do município de Guaraciaba - SC em relação aos diferentes gêneros, considerando os novos meios tecnológicos. A utilização das novas tecnologias da informação e comunicação na educação não pode ser discutida de forma desassociada das mudanças tecnológicas que aconteceram no mundo nesses últimos anos e que refletem no meio educacional, pois é a escola que forma os novos profissionais dos quais a sociedade necessita. Para o desenvolvimento deste trabalho foram feitas pesquisas bibliográficas relacionadas a gêneros textuais, gêneros digitais, tecnologias. Também foram realizadas entrevistas com professores e alunos a EEB. Sara Castelhana Kleinkauf, a fim de verificar o uso das tecnologias em sala de aula. Através destes estudos, pôde-se observar qual o uso que alunos e professores fazem das tecnologias.

Palavras-chave: Tecnologias. Alunos. Professores. Gêneros Textuais. Gêneros Digitais. Educação.

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 01: Professores respondendo a entrevista.....	23
Figura 02: Alunos respondendo a entrevista.....	23
Gráfico 01: Acesso a internet	25
Gráfico 02: Tipos de recursos tecnológicos que possui	25
Gráfico 03: Frequencia que faz uso da sala de informática na escola	26
Gráfico 04: Recursos tecnológicos que utiliza.....	27
Gráfico 05: Necessidade de mais formação para ousos de tecnologias.....	28
Gráfico 06: Acesso a internet - alunos	29
Gráfico 07: Tipos de recursos tecnológicos que possui - alunos.....	29
Gráfico 08: Para que fim utiliza a internet - aluno.....	30
Gráfico 09: Como o aluno vê o uso das tecnologias nas aulas.....	31
Gráfico 10: Ferramentas tecnológicas que os professores utilizam em sala de aula.....	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 OBJETIVOS	7
1.1.1 Objetivo geral	7
1.1.2 Objetivos específicos.....	7
1.1.3 Questão problema	8
1.2 JUSTIFICATIVA	8
2 REFERÊNCIAL TEÓRICO	10
2.1 GÊNEROS TEXTUAIS: CONCEITO E TIPOLOGIA	10
2.2 CULTURA ESCRITA E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO	12
2.3 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E GÊNEROS DO DISCURSO	17
2.4 O PAPEL DAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA E NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	19
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
3.1 SOCIALIZANDO OS RETRATOS DA ESCOLA: APLICAÇÃO DA ENTREVISTA.....	22
3.2 CONSTRUÇÃO DO RETRATO DA ESCOLA NA CULTURA DIGITAL: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	23
3.2.1 Entrevista com professores	24
3.2.2 Entrevista dos alunos	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICES	37

1 INTRODUÇÃO

Marcuschi (2002) acredita que o conhecimento dos gêneros textuais que fazem parte das interações sociais diárias favoreça tanto a leitura como a compreensão de textos. O autor considera que,

Tendo em vista que todos os textos se manifestam sempre num ou noutro gênero textual, um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é importante tanto para a produção como para a compreensão. Em certo sentido, é esta ideia básica que se acha no centro dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), quando sugerem que o trabalho com o texto deve ser feito na base dos gêneros, sejam eles orais ou escritos (MARCUSCHI, 2002, p. 32-33).

E, na visão de Meurer,

Cada vez mais, evidencia-se a necessidade de novos estudos sobre diferentes gêneros textuais que desenvolvam instrumentais teóricos e práticos para demonstrar que, através de textos orais e escritos, criamos representações que refletem, constroem e/ou desafiam nossos conhecimentos e crenças, e cooperam para o estabelecimento de relações sociais identitárias. (Meurer, 2000, p. 29)

Pode-se perceber o que os autores afirmam quando uma pessoa entra em contato com gêneros que não fazem parte do nosso dia-a-dia, como um boletim de ocorrência policial, por exemplo. Com certeza, estranha a estrutura e o vocabulário normalmente utilizados nesse gênero.

A Escola de Educação Básica Nereu de Oliveira Ramos está localizada na Linha Sede Menegazzo, município de Guaraciaba, SC tendo 149 alunos de Pré-escola á 9º ano. Todos os professores da escola possuem graduação completa. Na escola existe um professor de informática.

Em conversa com os educadores os mesmos relataram que em 2008 tiveram um curso de formação continuada para a utilização de tecnologias – computador - em sala de aula o que os ajudou no desenvolvimento de atividades.

A escola realiza projetos educativos utilizando as tecnologias disponíveis na escola para fundamentar e auxiliar os alunos e professores no ensino/aprendizagem.

Quando é publicada uma descoberta científica em um jornal, é utilizada uma linguagem diversa daquela que se utilizaria se fosse publicada a mesma descoberta

em uma revista científica. E em uma conversa em *chat* ou Msn também se altera a forma de escrever textos.

A leitura crítica, a produção textual significativa, o desenvolvimento da oralidade, a conscientização de que a leitura e a escrita estão presentes em tudo que fazemos dos gêneros textuais grandes aliados para várias atividades do nosso dia-a-dia sendo também, tanto para o educado como para o educando, de suma importância já que pode-se conhecer as características do que se chama gênero textual, como ele ocorre na nossa prática social diária e qual a diferença entre os gêneros e os tipos textuais.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Compreender o trabalho nas aulas de Língua Portuguesa no nível de Ensino Fundamental, na Escola de Educação Básica Nereu de Oliveira Ramos do município de Guaraciaba - SC em relação aos diferentes gêneros, considerando os novos meios tecnológicos.

1.1.2 Objetivos específicos

- Reconhecer e compreender a diversidade dos gêneros digitais utilizados em sala de aula hoje;
- Pesquisar e discutir as novas formas de textos voltadas à era digital;
- Elaborar textos e atividades relacionadas aos gêneros digitais;
- Planejar intervenções digitalizadas para amostra de trabalhos no ambiente escolar;
- Desafiar os educandos a utilizar as ferramentas digitais com sabedoria no dia a dia escolar;
- Observar impactos que ocorrem nas aulas de LP em relação ao uso das TDICs;
- Repensar novas práticas educacionais atrativas voltadas aos educandos através das TDICs.

1.1.3 Questão problema

Entende-se que os gêneros textuais são instrumentos que devem ser utilizados na formação dos educandos de forma ampla já que é por meio deles que se pode fazer com que o aluno tenha contato com vários tipos textos sejam eles orais e escritos e que fazem parte de seu dia-a-dia. Desta forma questiona-se: Que impactos podem ser apontados em relação ao uso das TDICs nas aulas de LP?

1.2 JUSTIFICATIVA

Com o avanço da era tecnológica, principalmente da comunicação, ocorreu o surgimento de novos gêneros textuais em *blog*, *e-mail*, Facebook e outras ferramentas de comunicação que não param de crescer. Essas ferramentas estão cada vez mais presentes na vida das pessoas e ecoam diariamente nos vários segmentos da sociedade, causando mudanças nas relações sociais e nos mecanismos de acesso à informação. Com o uso da computação um novo ambiente de aprendizagem surgiu trazendo outras e novas necessidades para o uso da língua escrita e que tem desafiado todos os educadores.

Os gêneros que circulam na esfera digital não são uma forma de comunicação, eles se definem pelo seu aspecto sociocomunicativo e funcional. Estão adaptados pelas novidades do mundo moderno, as inovações tecnológicas, a internet e a informática chegaram para alterar as relações sociais, e esses gêneros surgiram para tornar essa relação mais significativa. Podemos citar o exemplo do *e-mail* que é a nova versão da carta, usado em um contexto em que a postagem é imediata e não mais através do correio.

Logo, repensa-se a função e reflexão dos educadores em suas práticas uma vez que eles deverão ser os interlocutores de seus educandos para a aprendizagem de novas formas de leitura e escrita, visto que, ler e escrever sempre terá papel importante no acesso à informação que tem o ser humano e suas relações com o mundo.

As tecnologias de informação e comunicação podem contribuir com o processo educativo, visto que, os gêneros das esferas digitais proporcionam leitura, compreensão e expressão da realidade, disponibilizando informação tornando assim possível a comunicação. Deste modo, essas várias possibilidades oferecidas pelas

tecnologias levará a escola a questionar seus paradigmas e buscar várias formas de leitura. Da mesma forma que, o educador deva estar aberto a aprender e inserir-se na era digital, mesmo que isso implique na ruptura de métodos tradicionais para que assim, assumam-se uma nova postura de ensino.

O objetivo desse trabalho é mostrar e investigar os gêneros variados usados na aula de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, Escola de Educação Básica Nereu de Oliveira Ramos do município de Guaraciaba - SC no meio digital, destinados ao ensino da língua portuguesa e buscar através de estudos formas de trabalhá-los em sala de aula.

Pode-se observar na escola que tanto alunos como professores procuram fazer uso de tecnologias enfatizando a dinâmica e o aperfeiçoamento dos conhecimentos através de meios interativos como a internet e o computador.

A tecnologia trouxe para a escola muitas vantagens e benefícios que auxiliam nos estudos através de aulas práticas e atrativas, da mesma forma que os os professores passaram a ser muito mais dinâmicos e motivacionais ao ministrarem suas aulas.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 GÊNEROS TEXTUAIS: CONCEITO E TIPOLOGIA

Na visão de Bakhtin (1952) apud Baltar (2004, p. 46-47) gêneros textuais são,

Gêneros textuais são unidades triádicas relativamente estáveis, passíveis de serem divididas para fim de análise em unidade composicional, unidade temática e estilo, disponíveis num inventário de textos, criado historicamente pela prática social, com ocorrência nos mais variados ambientes discursivos, que os usuários de uma língua natural atualizam quando participam de uma atividade de linguagem, de acordo com o efeito de sentido que querem provocar nos seus interlocutores.

Para o autor o gênero textual é formado de três elementos: unidade composicional, unidade temática e estilo, ou seja, por poder ser dividido em três unidades para ser analisado e classificado.

Quanto à classificação dos gêneros textuais, os gêneros surgem conforme a necessidade das práticas sociais como por exemplo, os *e-mails* que derivando de cartas comuns surgiram há pouco tempo e em práticas sociais estão substituindo as mesmas cada vez mais. Assim, existem muitos tipos de gêneros tais como: carta, bilhete, receita, bula de remédio, telefonema, sermão, horóscopo, lista de compras, resenha, resumo, cardápio, romance, piada, conferência, bate-papo por computador, *outdoor*, edital de concurso, entrevista, etc. (BALTAR, 2004).

Na perspectiva sociocognitiva dos gêneros, Marcuschi (2002, p. 29) diz que os gêneros podem ser caracterizados conforme a atividade sócio-discursiva a que servem e que, quando dominamos um gênero, dominamos “[...] uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares [...]”. Desta forma, o estudo de gêneros diversificados são importantes uma vez que ficam em contato com práticas cotidianas de comunicação e variadas formas de interação social.

Para Marcuschi (2002), a expressão de tipo textual é usada em textos que são examinados em sua natureza linguística, ou seja, o léxico, a sintaxe, os tempos verbais, as relações lógicas, etc. E eles são facilmente classificados.

Os tipos textuais mais utilizados, conforme Werlich citado por Marcuschi (2002), são as bases temáticas descritiva, narrativa, expositiva, argumentativa e injuntiva.

Conforme Abreu (2004) e Barbosa (2002) a tipologia textual se apresenta como:

Descrição – Utiliza-se essa tipologia para caracterizar algo ou alguém. Isso é possível por meio do uso dos cinco sentidos (olfato, tato, audição, paladar e visão) e de sensações psicológicas.

Pode-se fazer descrição objetiva (sem interferência de julgamento), ou subjetiva (opinião sobre o objeto). Também tem a descrição física (o que eu vejo) e a psicológica (julgamento sobre o outro).

Em uma descrição deve prevalecer a objetividade. O autor descreve o modo de vida do animal e não seu aspecto físico. A descrição é utilizada normalmente como base para outros tipos de textos como a narração e a exposição.

Narração – Pode-se considerar a narração como relato de fatos ocorridos. Abreu (2004) considera que conforme a intenção do autor, quem narra um fato depende do tipo de narrador escolhido pelo autor que pode ser narrador-personagem (primeira pessoa), narrador-observador (terceira pessoa) ou narrador-onisciente (terceira pessoa).

Exposição - O tipo expositivo caracteriza-se por identificar fenômenos ou a ligação entre eles. É utilizado quando o autor quer expor um fato, mas não interfere com opiniões particulares. Apesar dessa característica, é quase impossível não deixar transparecer pontos de vista em textos que produzidos, já que se utiliza uma linguagem é argumentativa. Dizemos, então, que nesse tipo há uma ocorrência diminuída da individualidade.

O texto expositivo pode ser utilizado, como base para futuras discussões, em introdução de um texto argumentativo,

Argumentação – Fazem parte de um texto argumentativo o tema, problema, hipótese, tese e argumentação.

Abreu (2004, p. 49) nos ensina que “[...] a construção prévia de um esquema, levando em conta as partes da macroestrutura da argumentação e a execução desse esquema, levará a um grau de coerência textual bastante grande [...]”.

Injunção - A característica que distingue o tipo injunção dos outros é seu “caráter normativo, impositivo de mandar ou pedir” (ABREU, 2004, p. 54). Há muitos gêneros textuais que trazem em si essa tipologia, como oração, normas, leis e manuais.

Para identificar o gênero, deve-se ter em mente, principalmente, seu propósito, pois assim são menores as chances de cometer equívocos na

classificação. Para identificar o tipo textual, devemos ver se nas sequências predomina a narração, a descrição, a informação, a exposição de ideias ou a injunção.

Segundo Bakhtin apud Marcuschi (1979, p. 3), “[...] é na base de textos necessariamente realizados em alguns gêneros, que nos comunicamos no dia-a-dia, sendo estes uma boa entrada para composição e compreensão textual [...]”.

Pode-se compreender a diferença entre gêneros e tipos textuais conforme o eu destaca Marcuschi (2005, p. 22-23)

Tipo textual designa uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

Gênero textual refere-se os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Seus tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica,

2.2 CULTURA ESCRITA E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO

Entende-se por tecnologia todo e qualquer artefato, método ou técnica criada pelo homem, e que torna seu trabalho mais leve, sua locomoção e sua comunicação mais fáceis ou, simplesmente, sua vida mais agradável (FERREIRA, 2004).

A tecnologia, nesse sentido, não é algo novo; na verdade, é quase tão velha quanto o próprio homem. Ela compreende ferramentas, técnicas, conhecimentos e métodos que ajudam a resolver problemas (FERREIRA, 2004).

Já, quando se fala em tecnologia educacional, pensa-se, a princípio, em atividades que envolvam computadores e *softwares*, ou seja, o auxílio no processo de ensino e de aprendizagem em ambientes de aprendizagem através da informática (ASSMANN, 2008).

A partir do momento que as escolas começaram a fazer o uso das tecnologias pôde-se observar que não basta somente ter recursos tecnológicos se estes não

forem utilizados para produzir conhecimento, pois mesmo que essas ferramentas pareçam eficientes à primeira vista, é necessário que tenham subsídios para que produzam resultados significativos nos processos educacionais. Contando com tais recursos e muitas vezes passa-se uma percepção totalmente equivocada das tecnologias: a de que “coisas” ensinam ou passam conhecimento e que a informática veio para revolucionar o ensino (KENSKI, 2002).

As tecnologias podem ser aplicadas a situações-problemas e, não existe somente uma tecnologia educacional, mas tecnologias que se tornam soluções resultantes do enfrentamento de problemas sendo sempre possível alcançar soluções cada vez melhores cada vez, mais próximas da solução ideal de um problema já que não existe tecnologia ideal, absoluta, completa ou definitiva (TAPSCOTT, 1999).

Lévy (1987) define tecnologia educacional como um conjunto de recursos técnicos que influenciam culturalmente as formas de construção do conhecimento de uma sociedade. Percebe-se então que a tecnologia sempre esteve presente na escola, seja pelo uso do quadro-de-giz, do livro didático ou da televisão. O computador utilizado para processar, armazenar e transferir informações e como elemento para tomada de decisões, está sendo cada vez mais utilizado para apoiar e fomentar a educação. Desperta maior interesse dos alunos na busca pela informação e também incita uma participação efetiva no processo de ensino e aprendizagem através de métodos dinâmicos e interativos (LÉVY, 1996).

Lévy defende que computador é incompleto sem o homem, principalmente, ao seu comando: “O computador não é o centro, mas um pedaço, um fragmento da trama, um componente incompleto de uma rede calculadora universal” (LÉVY, 1996, p. 47).

As instituições educacionais precisam fazer uma revisão de seus conceitos para exercer plenamente a cidadania num mercado cada vez mais competitivo e para o uso de tecnologias avançadas, de seus métodos e de seus recursos. Nenhuma instituição pode fechar os olhos para as grandes mudanças que revelam para quem tem o domínio tecnológico, mas também não podem se isentar de refletir sobre o significado da adoção dessas novas tecnologias em seus projetos pedagógicos (LÉVY, 1996).

Nas escolas, o uso do computador é indicado como um fator que pode contribuir efetivamente para o avanço qualitativo do processo ensino aprendizagem

(LÉVY, 1996). Cabe à escola mostrar um caminho para o desenvolvimento da percepção crítica dos alunos, para que eles possam analisar, selecionar e utilizar as informações de forma adequada, como também atinem para o momento de interromper qualquer movimento de alienação. Confirma-se a era do homem virtual, que lança-se no espaço cibernético em busca da informação pelos meios de comunicação.

Tanto a educação quanto a comunicação possuem laços muito importantes, principalmente quando se destaca a educação como sendo a interação entre o educador e o educando, e a comunicação como sendo a troca de mensagens entre duas ou mais pessoas. Comunicar não é de modo algum transmitir uma mensagem ou receber uma mensagem. É certo que para comunicar, é preciso enviar mensagens, mas enviar mensagens não é comunicar. Comunicar é partilhar sentido (LÉVY, 1993).

Ao utilizar a linguagem, pensando em uma concepção interacionista, o homem utiliza-se de mecanismos para que a mensagem mostre a sua marca e traço, no seu efeito, o seu modo de funcionar. Esse funcionamento ocorre de acordo com a finalidade de transmitir, fazendo uso então dos elementos da linguagem que inicialmente eram três (destinador, destinatário e contexto), forma composta pelo psicólogo austríaco Karl Bühler e que Roman Jakobson, no ensaio *Linguística e poética*, ampliou para seis: emissor, receptor, canal, código, referente e mensagem. Após esses autores, foi discutido o quanto essas categorias não dão conta de compreender a complexidade da linguagem.

Bakhtin (1998), destaca que em um mundo em movimento e em transformação, a linguagem está sempre em processo, não se submete a uma forma fixa e imutável.

Observa-se então que para Bakhtin (1998), em cada texto existe um sistema de linguagem sendo que no texto correspondem a tudo que é e pode ser repetido e reproduzido sendo que cada texto é individual, único e singular, residindo nisso todo o sentido .

“...a língua não se transmite (...). Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles mergulham na corrente de comunicação verbal e somente quando isto ocorre é que tomam consciência de si e do mundo que os cerca”. (1972, p. 108)

Intimamente ligadas a esses elementos estão às funções de linguagens, uma vez que o perfil da mensagem determina sua função.

No mundo marcado pela aceleração tecnológica e pelas crescentes influências do rádio, da televisão, da imprensa escrita e das redes de computadores, as formas de aprender e sentir se modificaram (CHIAPPINI, 2000, p. 20).

Sabe-se que é graças à linguagem que os homens se comunicam, estabelecem relações, dialogam, interagem, em um dado tempo e em um dado espaço. E a criança, mesmo sem ter completado seu desenvolvimento linguístico e mesmo sem saber ler e escrever, está inserida em um momento histórico específico, construindo significados através da apropriação da linguagem na interação social (TADDEI, 2000).

Desta forma, Bakhtin (2000) reforça que todas as atividades humanas estão relacionadas à utilização da língua e por este motivo é que existe tanta diversidade nesse uso e a grande variedade de gêneros que se apresentam “[...] em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou outra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 2000: 279). Ou seja, para o autor, os enunciados produzidos refletem as condições particulares e os objetivos de cada uma dessas esferas.

No mundo contemporâneo, é constantemente desafiada a fazer a leitura das linguagens imagéticas. O universo infantil é invadido pelos Meios de Comunicação Social, o que significa um deslocamento dos textos escritos para outros que privilegiam os aspectos visuais e sonoros, ou combinam esses elementos com formas verbais (TADDEI, 2000, p.109).

E o interessante é que essas linguagens se “enroscam”, fundem-se, dialogam, enfim, estão em constante movimento, fazendo com que se esteja sempre ressignificando a realidade que os cerca, através do contato que estabelecem com essa realidade por meio da linguagem.

Durante muito tempo associou-se a ideia de “mídia” à ideia de comunicação de massa. É “moda”, ainda, a expressão *mass media* para designar a mídia. A última versão do Dicionário Aurélio (Ferreira, 1999) diz que: Mídia é o conjunto dos meios de comunicação e que inclui, indistintamente, diferentes veículos, recursos e

técnicas, como por exemplo, jornal, rádio, televisão, cinema, *outdoor*, página impressa, propaganda, mala direta, balão inflável, anúncio em *site* da internet, etc.

Essa definição, antes de tudo, explicita, de um modo muito claro, o quanto à mídia está presente no dia-a-dia das pessoas através de contato sistemático com jornais, televisão, rádio etc. Isso acontece porque se faz parte de uma sociedade em que a informação tem especial importância e se está constantemente exposto aos meios de comunicação, mesmo que se viva zona rural, afinal parece não haver mais fronteiras geográficas e sociais para veículos como a televisão e o rádio (BAKHTIN, 1995).

A linguagem que a televisão, os jornais, as revistas, as rádios, a internet, os encartes publicitários, os *outdoors*, enfim, os diversos recursos de mídia veiculam, está estruturada para servir a determinadas finalidades, que incluem informar, persuadir, convencer, recrear, produzir arte etc. No atendimento a essas finalidades, a linguagem se revela mais explícita ou menos explícita, mais conotativa ou menos conotativa, mais formal ou menos formal, mais icônica ou menos icônica, enfim, estrutura-se de modo a atender às finalidades a que se propõe o “texto” (ancorando-se em BAKHTIN, 1995).

Nagamini (2000, p. 39) escreve:

O surgimento de equipamentos de informática e o potencial cada vez maior de criação de um mundo virtual modificaram a organização do cotidiano nos vários segmentos da sociedade, exigindo um novo olhar e outra leitura de mundo.

Como pode-se perceber, a linguagem de um texto digital ou hipertexto não é a mesma do texto clássico porque se trata de um processo interativo, já que o texto virtual “[...] é plástico, dinâmico, dotado de uma certa autonomia de ação e reação [...]” (Lévy, 1993, p.121). E, sobre o hipertexto, continua Lévy:

A quase instantaneidade da passagem de um nó a outro permite generalizar e utilizar em toda a sua extensão o princípio da não-linearidade. Isso se torna a norma, um sistema de escrita, uma metamorfose de leitura, batizada de navegação (LEVY, 1993, p.37).

Percebe-se então que segundo o autor a linguagem do texto virtual é o suporte do hipertexto não é físico, palpável onde o usuário não pode ter uma visão do todo, da mesma forma que não manuseia o material. “É como se explorássemos

um grande mapa sem nunca podermos desdobrá-lo, (analisando-o) sempre através de pedaços minúsculos” (Lévy, 1993, p.37). Continua Lévy:

O hipertexto é dinâmico, está perpetuamente em movimento. Com um ou dois cliques, obedecendo, por assim dizer, ao dedo e ao olho, ele mostra ao leitor uma de suas faces, depois outra, um certo detalhe ampliado, uma estrutura complexa esquematizada. Ele se redobra e desdobra à vontade, muda de forma, se multiplica, se recorta e se cola outra vez de outra forma. Não é apenas uma rede de microtextos, mas um grande metatexto de geometria variável, com gavetas, com dobras. Um parágrafo pode aparecer ou desaparecer sob uma palavra (...) de fundo falso em fundo falso. (p. 40 e 41)

Pierre Lévy (1998) escreve que o mundo virtual é signo, porque as realidades virtuais “estão no lugar de algo”, simbolizando universos diferenciados. Não é fantástico isso? Trata-se da conjugação da linguagem verbal e não-verbal criando universos tão enovelados quanto abertos.

2.3 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E GÊNEROS DO DISCURSO

José Luiz Fiorin (2003, p. 72) assevera que não se satisfaz com definições da língua e destaca a mesma sendo um instrumento de comunicação, ou como um sistema ordenado com vistas à expressão do pensamento, ou seja a linguagem humana é a condensação de todas as experiências históricas de uma dada comunidade, a condensação de um homem historicamente situado.

Na mesma linha de pensamento, Faraco (2003, p. 63) costuma dizer aos seus alunos que,

[...] nosso objeto de estudo é uma complexa realidade semiótica estrutura sim, mas necessariamente aberta, fluida, cheia de indeterminação e polissemias, porque é atravessada justamente por nossa condição de seres históricos.

Marcuschi (2003, p. 132) acredita que, [...] a língua deve ser entendida principalmente como uma atividade e não um sistema ou forma. Ela é um domínio público de construção simbólica e interativa do mundo, ou seja, uma atividade constitutiva.

Já para Koch (2003, p. 124) a língua é sistema, ou um conjunto de elementos inter-relacionados em vários níveis, no nível morfológico, no nível fonológico-morfológico, sintático. Mas ela só se realiza enquanto prática social, quer dizer, os

seres humanos, nas suas práticas sociais usam a língua e a língua só se configura nessas práticas e é constituída nessas práticas.

Já para Geraldi (2003, p. 78), a língua

[...] é o produto de trabalho social e histórico de uma comunidade. É uma sistematização sempre em aberto. [...] É o produto de um trabalho do qual ela mesma é instrumento. [...] a língua, enquanto esse produto de trabalho social, enquanto fenômeno sociológico e histórico, está sendo sempre retomada pela comunidade de falantes. E ao retomar, retoma aquilo que está estabilizado e que se desestabiliza na concretude do discurso, nos processos interativos de uso dessa língua.

Observa-se que os autores citados acreditam que a língua é um fenômeno social e histórico pois não se pode ver a língua simplesmente como uma forma de comunicação ou de expressão do pensamento. A língua é uma atividade sociointerativa, pois por meio dela os sujeitos agem uns sobre os outros e realizam suas práticas sociais.

A criança ou adulto, ao dar início ao seu processo de alfabetização, já domina a fala e pode ser considerado um falante nativo com grande domínio da língua. Há muitas maneiras diferentes de falar, de usar a língua portuguesa, pois existem muitos dialetos. Há dialetos estigmatizados e prestigiados socialmente.

Em meados do século XX, as referências socioculturais veiculadas pela linguagem tinham uma dimensão menos global, uma vez que os meios de comunicação eram incipientes, e o acesso a eles não era universalizado. Assim, a interação das crianças com o meio social mantinha características culturais capazes de identificar mais facilmente núcleos sociais distintos.

A partir do desenvolvimento dos meios de comunicação e do advento da linguagem virtual, a dimensão globalizante da linguagem vem provocando alterações nessa interação, introduzindo elementos novos, próprios de formações culturais distintas daquelas em que as crianças estão inseridas.

Existe uma gramática do texto falado diferente da gramática do texto escrito. Qualquer falante sabe que, conforme o gênero que utilizamos (determinado pelo contexto, interlocutor, finalidade, etc.), elegemos uma variedade linguística que seja adequada a ele. Assim, também fazemos com os meios pelos quais os textos são distribuídos.

Ilari e Basso (2006, p. 187) acrescentam que,

[...] todos esses gêneros, além de ter marcas exteriores próprias, e de obedecer a convenções interpretativas próprias, fazem também um uso muito particular da língua, chegando às vezes a desenvolver uma sublíngua exclusiva. A sublíngua de um gênero caracteriza-se normalmente não só pela frequência maior de certas palavras [...], mas pode ser marcada também pela alta frequência de construções gramaticais que não seriam comuns em outros gêneros.

2.4 O PAPEL DAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA E NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

As tecnologias há muito já fazem parte do fazer pedagógico principalmente quando pensamos em tudo o que envolve a elaboração e implementação de uma aula: a seleção de materiais (livros, notícias de jornal impresso ou internet, a escolha de um vídeo interessante sobre o tema da aula), a escolha dos materiais e metodologias de ensino (uso do quadro negro e giz, a forma como a sala estará organizada – em fileiras, em círculo etc.), a presença de revistas e jogos eletrônicos, celulares levados pelos estudantes e que, muitas vezes, são usados por eles nos momentos em que não estão em aula ou naqueles em que o professor “não está vendo!”. Enfim, são múltiplas as formas pelas quais as tecnologias se fazem presentes em processos escolares de ensino.

Para Bagno (2007, p.65) o ensino de língua portuguesa ainda é tradicionalista:

O ensino de língua ainda é feito com base em dogmas, preceitos e regras que nada têm de científicos e esse é o seu maior defeito. Fomos habituados a aprender e a ensinar português como se a língua fosse uma coisa imóvel, pronta, acabada, estática, sem nenhuma possibilidade de mudança, variação, transformação.

Também são múltiplos os modos de interação com esses artefatos promovendo aos alunos leituras que levem a interpretações que possibilitem o questionamento e que vêm no desenvolvimento científico e tecnológico sinônimo de progresso e de desenvolvimento social.

Linsingen (2007) aponta que:

A escola, ou mais amplamente a educação em ciências e tecnologia, assume um papel diferente do tradicional, estando muito mais comprometida com uma formação não para a tecnologia como coisa em si mesma, neutra e independente, mas como uma atividade social, com origem e fim social e por coerência. (LINSINGEN, 2007, p.17)

Colocamo-nos assim, ao lado do autor, quando consideramos a necessidade de abordagens, no campo da educação, que concebem a tecnologia em suas múltiplas dimensões, seja econômica, política ou cultural, sempre relacionadas ao social.

Tendo em vista que as tecnologias são carregadas de relações de poder, que transformam e são transformadas nas relações sociais, entende-se que a inserção de novas tecnologias de informação e comunicação em processos de ensino garante a qualidade do processo de aprendizagem.

No caso das aulas de Língua Portuguesa torna-se importante que o professor, para explorar o uso das tecnologias leve textos (sejam eles vídeos, escritos, imagens etc.) da mídia para a escola.

Costa Val, destaca que,

Os professores de Língua Portuguesa, além disso, também devem estar atentos às mudanças em relação ao ensino da língua. A aula de português, como tradicionalmente concebida, não existe mais. Ao invés de estudar Português, os alunos vão aprender através do Português. O Português deve ser usado como instrumento para se aprender história, geografia, literatura, retórica, educação física, química, etc. Isso significa que os alunos precisam saber, na leitura, produzir sentido “levando em conta os recursos linguísticos presentes [no texto] e percebendo sua 3 inter-relação” e, na escrita, “saber escolher e usar os recursos linguísticos adequados aos propósitos da interlocução” (COSTA, VAL, 1998, p.2).

É necessário trabalhar com os estudantes de modo que possam explicitar as suas leituras dos materiais da mídia, dar espaço e possibilitar olhares críticos sobre os materiais midiáticos. Neste ponto, é fundamental considerar o espaço e o papel da mídia no contexto dos alunos.

Fischer (1999) têm destacado o caráter pedagógico da mídia já que mesmo de forma não intencional, a mídia ensina o que implica na compreensão de que aprende-se em diversos outros espaços que não apenas a escola. Aprende-se vendo um filme, lendo um livro ou revista em

quadrinhos, aprende-se jogando um game etc. Aprende-se valores, conhecimentos científicos, visões de mundo.

São múltiplas as formas pelas quais as tecnologias se fazem presentes em processos escolares de ensino. Pode-se pensar em tudo o que envolve a elaboração de uma aula: a seleção de materiais (livros, notícias de jornal impresso ou internet, a escolha de um vídeo interessante sobre o tema da aula), a escolha dos materiais e metodologias de ensino (uso do quadro negro e giz, a forma como a sala estará organizada – em fileiras, em círculo etc.), a presença de revistas e jogos eletrônicos, celulares levados pelos alunos.

Segundo Nogueira,

Enfim, as novas tecnologias de hoje serão as velhas tecnologias de amanhã e se quisermos absorvê-las e utilizá-las no ambiente escolar, precisamos constantemente analisar nossas crenças, verificando se aquilo que está arraigado deve e pode ser mudado. Se nossas lentes não estão embaçadas de tal forma a não nos deixarem enxergar de forma sistêmica esse mundo que, por sorte, muda a cada dia. As palavras de ordem parecem ser: estarmos abertos - e quando necessário, mudarmos para enfrentar os novos desafios. (NOGUEIRA, 2002, p.66).

Se a leitura é uma experiência cultural, deve propiciar práticas relevantes para os estudantes, não é diferente quando se trata de novas tecnologias e das diferentes mídias. Facebook, Twitter, MSN, Youtube, televisão, games, internet, materiais online, entre outros, estão cada vez mais presentes em nossa cultura e podem ser usados de forma integrada nos processos de ensino- aprendizagem. No entanto, sabemos que o acesso e oportunidades não são homogêneos, mais um desafio a se pensar.

Um ponto importante que precisamos considerar se refere ao fato de que independentemente da escola (ou de outros espaços educativos), estamos todos, estudantes e professores, inseridos em um contexto do qual as novas tecnologias fazem parte e no qual somos colocados na posição de leitores das mesmas, diariamente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir deste capítulo, serão apresentados os dados obtidos com o questionário aplicado para alunos e professores da EEB. Sara Castelhana Kleinkauf de Guaraciaba - SC.

Um grupo de professoras da EEB Sara Castelhana Kleinkauf iniciaram um curso de Especialização em Cultura Digital pelo MEC em parceria com a UFSC. A atividade aqui descrita refere-se à aplicação e análise de uma investigação realizada com os professores e alunos da Unidade Escolar. O questionário em questão teve como objetivo elencar informações referentes aos recursos tecnológicos utilizados no processo de ensino e aprendizagem.

Foi realizada entrevista com professores e com alunos da escola. A partir deste item serão analisados e interpretados os dados recolhidos com as entrevistas levando-se em conta as vezes que os entrevistados passaram a mesma ideia sobre determinado questionamento fundamentando suas respostas.

Para complementar a análise desses dados, utilizar-se-á material bibliográfico de diferentes autores, que fortaleceram o posicionamento dos entrevistados.

3.1 SOCIALIZANDO OS RETRATOS DA ESCOLA: APLICAÇÃO DA ENTREVISTA

Ao retornar do evento presencial da Especialização em Educação na Cultura Digital, socializamos com o grupo escolar nossas expectativas em relação ao curso. Após muitas leituras, reflexões e análises nosso grupo passou a ter um novo olhar sobre as tecnologias e sua aplicabilidade na educação.

Podemos dizer que a EEB. Sara Castelhana Kleinkauf de Guaraciaba - SC, possui recursos tecnológicos para desenvolver o ensino – aprendizagem, necessitando de melhorias significativas na conexão da internet, pois é lenta tornando o acesso limitado, por vezes desmotivando os professores e alunos a desenvolver o que foi planejado.

A seguir, algumas ilustrações de momentos envolvendo o trabalho realizado:

Figura 01: Professores respondendo a entrevista.



Fonte: A autora.

Figura 02: Alunos respondendo a entrevista.



Fonte: A autora.

3.2 CONSTRUÇÃO DO RETRATO DA ESCOLA NA CULTURA DIGITAL: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

No questionário aplicado aos professores, percebemos que todos possuem acesso à internet em suas casas, bem como algum recurso tecnológico,

possibilitando um planejamento diversificado, não somente usando livro didático mas com recursos tecnológicos que ampliem o conhecimento de forma mais dinâmica.

Também afirmaram que fazem uso da sala informatizada para o planejamento e execução de suas aulas, contando com ajuda do profissional que trabalha na respectiva sala.

Ao analisar o questionário aplicado aos alunos percebemos que 90% dos mesmos possuem internet em casa, sendo que o recurso tecnológico mais utilizado é o celular com internet, dizem também que além da pesquisa fazem uso para comunicação e lazer. Eles veem o uso das TDIC nas aulas como algo bom, auxiliando-os no desenvolvimento do conhecimento.

Sabemos que precisamos aprender a utilizar melhor essas novas formas tecnológicas que chegam até nós, bem como buscar formas diferentes, sair da zona de conforto para atrair, motivar e despertar o desejo de aprender dessas gerações de alunos nativos da cultura.

3.2.1 Entrevista com professores

A partir deste capítulo serão apresentados os dados obtidos com o questionário aplicado para professores da EEB. Sara Castelhana Kleinkauf de Guaraciaba – SC.

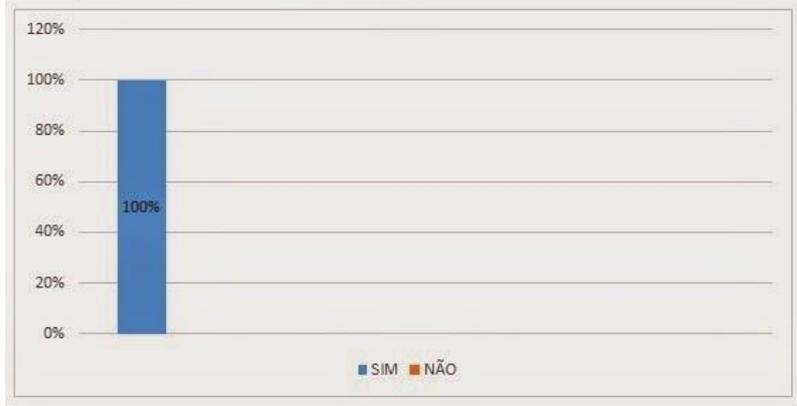
Responderam a este questionário 15 professores escolhidos aleatoriamente sendo os mesmos todos do sexo feminino.

Os dados recolhidos dos questionários foram tabulados e organizados em gráficos conforme segue.

Gráfico 01: Acesso a internet

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

1-Você possui acesso a internet em casa?



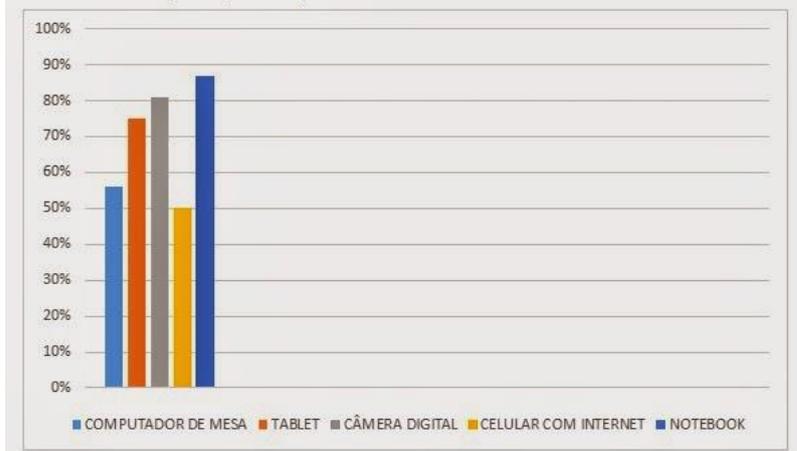
Fonte: A autora.

Conforme já relatado observa-se na resposta dos professores que todos possuem internet em casa. Em outros tempos era muito pequeno o número de profissionais de educação que faziam uso de tecnologias. Atualmente a internet está sendo considerada como um principais meios de comunicação e fonte de pesquisa bem como de informação para professores e alunos, principalmente professores uma vez que os beneficia e auxilia na busca de informação e propicia a comunicação e a troca de experiências entre os colegas de profissão bem como com seus alunos.

Nesse contexto, como destaca Freire (1983), a educação é comunicação, e é partindo desta concepção que devemos pensar as práticas educativas e o uso das tecnologias e mídias em sala de aula, seja ela presencial ou virtual.

Gráfico 02: Tipos de recursos tecnológicos que possui

2- Recursos tecnológicos que você possui.



Fonte: A autora.

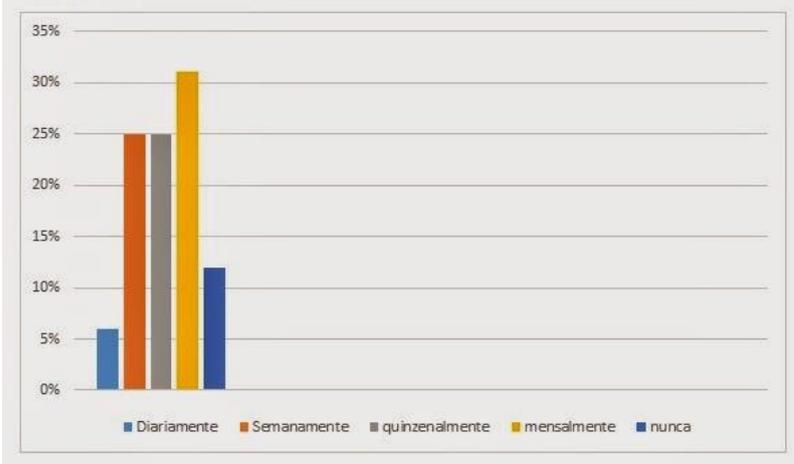
Os professores em suas respostas à questão de recursos tecnológicos que possuem destacaram que possuem na seguinte ordem: notebook 87%, câmera digita 80%, tablete 75%, computador de mesa 55% e celular com internet 50%.

Percebe-se que em sua maioria todos os professores tem pelo menos um tipo de tecnologia e a utilização das novas tecnologias de comunicação em sala de aula está sendo incorporado à prática pedagógica promovendo e facilitando a assimilação de um conhecimento novo.

Elas são parte de um processo contínuo de desenvolvimento tecnológico que culminou com o computador e o uso da internet e podem abrir um leque de possibilidades no processo de ensino-aprendizagem promovendo o desenvolvimento de diferentes habilidades para quem está aprendendo com o uso delas (MORAN, 2001).

Gráfico 03: Frequência que faz uso da sala de informática na escola

3. Com que frequência faz uso da sala informatizada na escola em que você trabalha para fins pedagógicos?



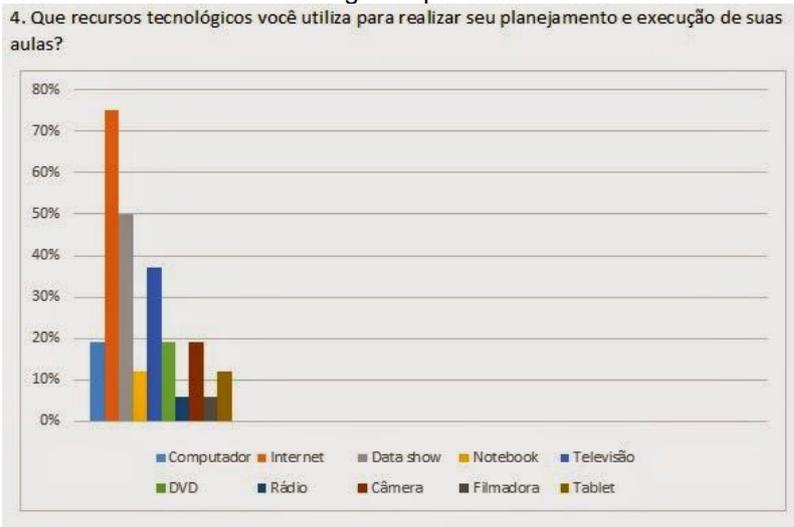
Fonte: A autora.

Já na questão sobre a frequência com que fazem uso da sala de informática para fins pedagógicos, os professores responderam em sua maioria que utilizam mensalmente 31%, seguidos de quinzenalmente 25% e semanalmente 25%, diariamente 13% e nunca 6%.

O uso das tecnologias é, sem dúvida, um grande desafio para os professores da mesma forma que traz grandes vantagens podendo muitas vezes alterar o ritmo de apresentação e discussão de um tema. Chama a atenção dos alunos de um modo diferente, já que os instiga a interagir, buscar soluções e pensar criticamente etc. (SILVA, 2001).

Estes recursos são muito interessantes, por exemplo, para abordar temas que não podem ser representados ou reconstruídos em sala: o uso das tecnologias nos permite viajar a planetas desconhecidos, conhecer novas culturas e interagir com elas, sem a necessidade de sair da escola etc. (SILVA, 2001).

Gráfico 04: Recursos tecnológicos que utiliza



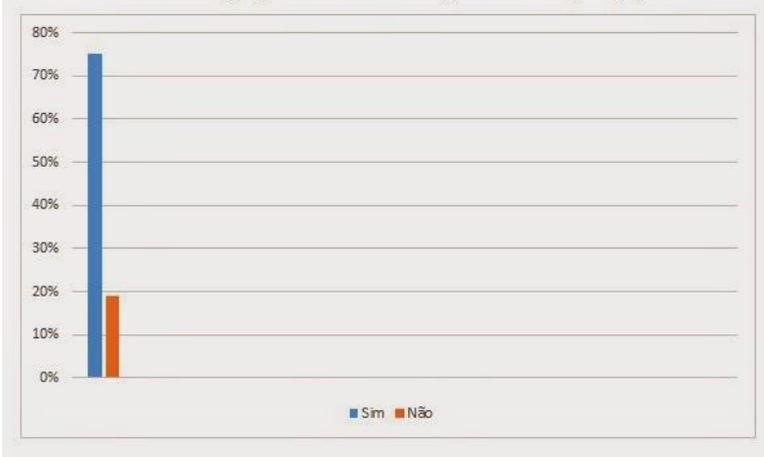
Fonte: A autora.

Na questão sobre os recursos pedagógicos utilizados pelos professores para o planejamento e execução de suas aulas os mesmos em sua maioria destacaram a internet.

Percebe-se que atualmente fazer uso dos recursos tecnológicos que a criança em acesso se faz necessário devido ao contexto sociocultural no qual vivemos. Hoje, as informações chegam a nós através de diversos meios e o livro já não ocupa um lugar de primazia. De modo que é função do professor reconhecer essa complexidade e dialogar com ela em sala de aula. Para isto, é preciso não só usar a multimídia como apoio para o ensino, o seu uso deve ter uma justificativa didático/pedagógica, e sua função deve constar no plano de ensino, aliando a linguagem aos conteúdos a serem apresentados (SILVA, 2001).

Gráfico 05: Necessidade de mais formação para o uso de tecnologias.

5. Necessita de mais formação para o uso das tecnologias no trabalho pedagógico?



Fonte: A autora.

Na questão sobre a necessidade de formação para o uso de tecnologias no trabalho pedagógico os professores destacaram em sua maioria que sim.

Observa-se que o uso das tecnologias na escola tem levado os professores a se apropriar constantemente de novos recursos principalmente no que diz respeito a internet, levando uma rede de educadores a se comunicar com o país inteiro e em certos casos até mesmo fora do país bem como com seus alunos.

De acordo com Moran: “Um parte importante da aprendizagem acontece quando conseguimos integrar todas as tecnologias, as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas, corporais.” (2001, p. 32)

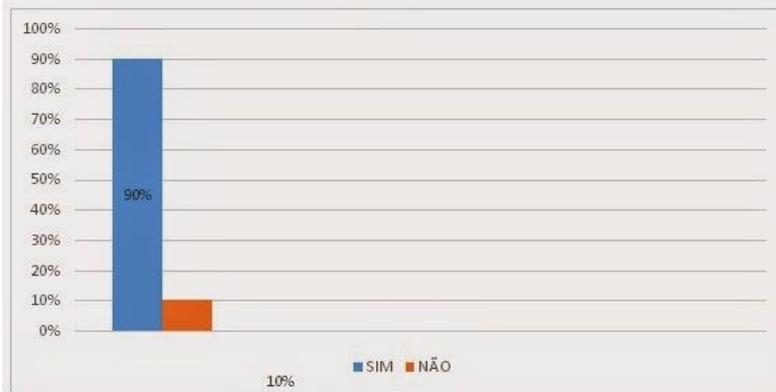
3.2.2 Entrevista dos alunos

A partir deste item serão realizadas as análises dos alunos entrevistados. Foram entrevistados 25 alunos de uma turma de ensino fundamental séries finais da EEB. Sara Castelhana Kleinkauf de Guaraciaba - SC

Gráfico 06: Acesso a internet - alunos

QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

1-Você possui acesso a internet em casa?



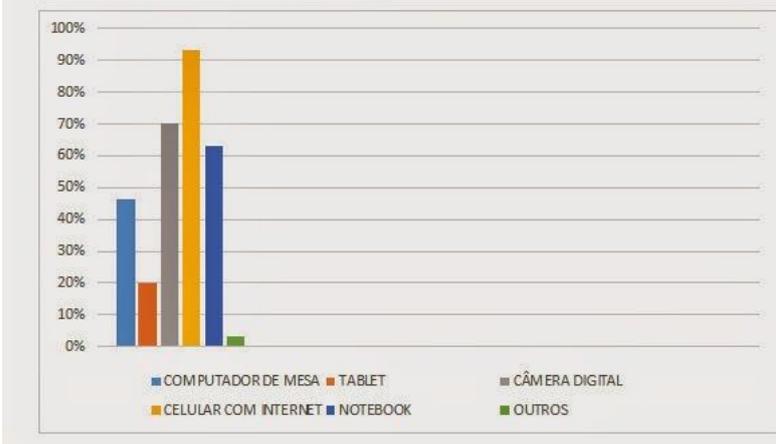
Fonte: A autora.

Na questão se possuem internet em casa a maioria dos alunos respondeu que sim. De acordo com Possidonio (2011): “[...] o ambiente da internet permite ao aluno a possibilidade de acessar as informações no seu próprio ritmo, nível de interesse, profundidade e permitindo a interatividade [...]” (apud ANDRADE, 2011, p.13)

E Cruz (2013, p. 02) ressalta que: “[...] a internet é uma interface que pode ajudar os alunos a desenvolverem um sentido de responsabilidade pessoal com seu próprio aprendizado. Através dela, eles expandem seus horizontes, aprendendo a comunicar-se, a colaborar e, de fato, a aprender”.

Gráfico 07: Tipos de recursos tecnológicos que possui - alunos

2- Recursos tecnológicos que você possui.



Fonte: A autora.

No que se refere aos recursos tecnológicos que possuem os alunos responderam na seguinte ordem: celular com internet, câmera digital, notebook, computador de mesa, tablet, outros.

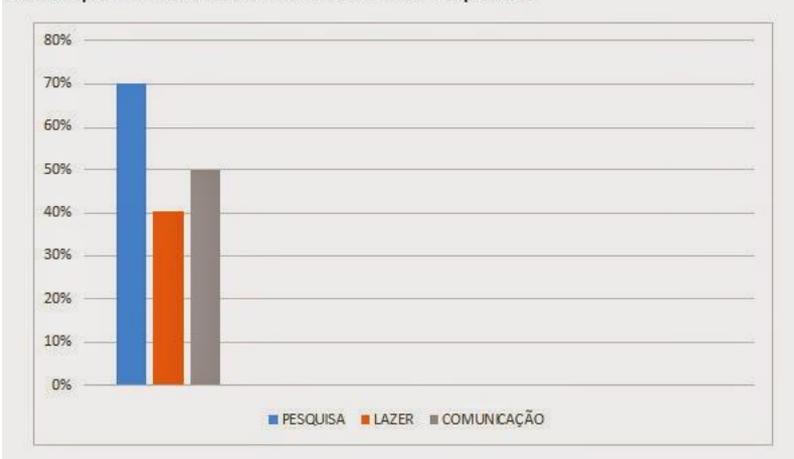
Vale destacar que mesmo os alunos, em seu cotidiano, possuem e fazem uso das tecnologias muitas vezes ele não utiliza para estudar.

Lévy (1998, apud NETO e ROCHA) diz que:

Já no começo do século XXI, as crianças aprenderão a ler e escrever com máquinas editoras de texto. Saberão servir-se dos computadores como ferramentas para produzir sons e imagens. Gerirão seus recursos audiovisuais com o computador, pilotarão robôs... (...) O uso dos computadores no ensino prepara mesmo para uma nova cultura informatizada. (apud NETO e ROCHA, 2013, p.1)

Gráfico 08: Para que fim utiliza a internet - aluno

3. Para que fim você utiliza a internet com maior frequência.



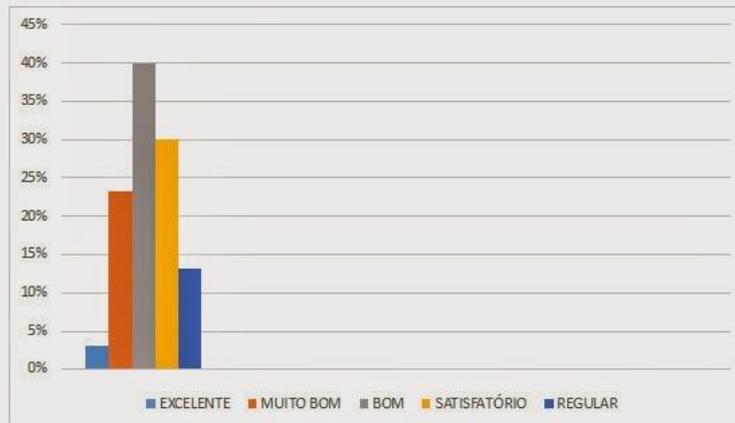
Fonte: A autora.

A pesquisa destacou-se como o fim mais utilizado da internet pelos alunos.

As crianças e os jovens estão totalmente sintonizados com a multimídia e quando lidam com texto fazem-no mais facilmente com o texto conectado através de links, de palavras-chave, o hipertexto. Por isso segundo Moran, o livro se torna uma opção inicial menos atraente; está competindo com outras mídias mais próximas da sensibilidade deles, das suas formas mais imediatas de compreensão. (2001, p. 21)

Gráfico 09: Como o aluno vê o uso das tecnologias nas aulas

4. Como você vê o uso das tecnologias no desenvolvimento das aulas que você frequenta.



Fonte: A autora.

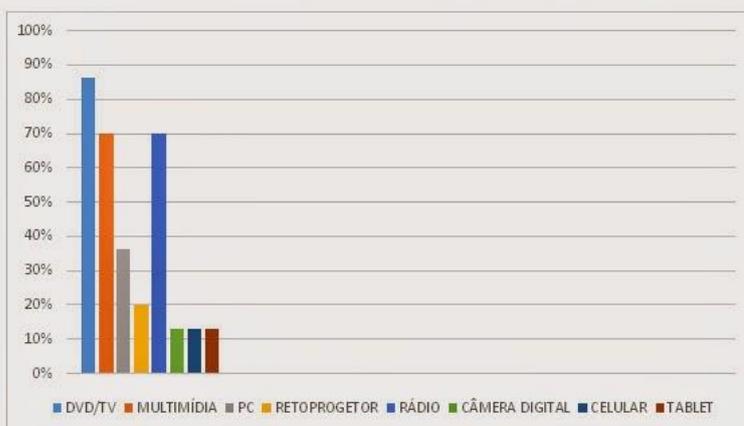
Percebe-se que o uso das tecnologias nas aulas pelos alunos entrevistados é bom.

[...] a prática educativa em espaços efetivos, prazerosos e qualificados, nos quais o processo de aprendizagem desenvolva-se através da construção de conhecimentos sobre os conteúdos mínimos a serem trabalhados em cada nível de ensino, promovendo a diversificação de linguagens. (ROSA, 2000, p. 34)

Vale destacar então que no processo de ensino e aprendizagem todos os recursos utilizados são muito importantes para provocar mudança nos alunos e nos professores também provoca mudanças.

Gráfico 10: Ferramentas tecnológicas que os professores utilizam em sala de aula

5. Quais ferramentas tecnológicas os seus professores utilizam em sala de aula?



Fonte: A autora.

Em relação as ferramentas tecnológicas que os professores fazem uso em sala de aula os alunos destacam o DVD/TV o mais utilizado.

Segundo Moran,

O conceito de aula muda porque, mesmo distante, o processo de aprendizagem pode acontecer. À medida que as tecnologias vão-se tornando mais e mais rápidas, além de escrever coisas e ler mensagens, poderemos ver os alunos, eles verão o professor, a um custo relativamente barato. Então, isto vai modificar profundamente todo o conceito que nós temos de aula e o nosso papel professor e aluno. (2001, p. 2).

A partir das entrevista pode-se perceber o quanto é importante o uso das tecnologias em sala de aula uma vez com que faz alunos e professores interagirem, não permanecerem como seres passivos em seu processo de ensino/aprendizagem.

Entende-se que trabalhar com as tecnologias para o professor é um desafio já que o mesmo tem que se prepara e a perfeição com as tecnologias cada vez mais modernas que existem bem como conciliar a variedade de informações e fonte de acesso, selecionar as informações mais importantes e facilitar a compreensão de uma maneira mais profunda a fim de que os alunos aprendam de forma significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou a compreensão do trabalho nas aulas de Língua Portuguesa no nível de Ensino Fundamental, na Escola de Educação Básica Nereu de Oliveira Ramos do município de Guaraciaba - SC em relação aos diferentes gêneros, considerando os novos meios tecnológicos.

A abordagem apresentada aqui buscou apontar diversos caminhos nesta discussão. Foram elencados, nesses termos, como aporte teórico as tecnologias e os gêneros que circulam nas esferas digitais.

Nesse sentido, importa apontar que se percebeu nas entrevistas que tanto alunos e professores têm acesso a algum tipo de tecnologia, fazem uso de internet bem como entendem a importância delas como recurso pedagógico.

Diante das entrevistas desenvolvidas, pôde-se observar que o uso de recursos em sala de aula facilita a aprendizagem, mas, por outro lado, é um grande desafio metodológico para os professores.

Mesmo que exista um interesse por parte dos professores em superarem uma postura tradicional do ensino e de utilizarem dos recursos disponíveis na escola como apoio pedagógico, ainda existe dificuldades e barreiras que limitam essas ações, como a falta de preparo com o manuseio das novas tecnologias.

Refletiu-se sobre comunicação buscando contribuir, a partir de conhecimentos teóricos e práticos, para esta discussão que é realmente vasta.

A comunicação representa a capacidade de transcrição de informação. Os seres humanos transmitem informação de natureza diversa e através de diferentes sistemas.

Sabe-se que pela abrangência da temática é impossível dar conta de todos os processos, conceitos e situações implicadas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. **Curso de redação**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- ANDRADE, A.P.R. **O Uso das tecnologias na educação**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Biologia) – Curso Licenciatura em Biologia à distância, Universidade de Brasília e Universidade Estadual de Goiás. Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.fe.unb.br/catedraunescoead/areas/menu/publicacoes/monografias-sobre-tics-na-educacao/o-uso-das-tecnologias-na-educacao-computador-e-internet> Acesso em: 27 de maio de 2016.
- ASSMANN, H. **A metamorfose do aprender na sociedade da informação**. Ciência da Informação. Brasília, 2000. n. 2, v. 29. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652000000200002>. Acesso em: 27 de maio de 2016.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1972.
- BALTAR, M. A. **Competência discursiva e gêneros textuais**: uma experiência com o jornal de sala de aula. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.
- BARBOSA, S. A. M. **Redação**: escrever é desvendar o mundo. 15. ed. Campinas: Papirus, 2002.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental MEC, 1997.
- CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1991.
- CAGLIARI, Luis Carlos. **Fonética e alfabetização**. Abralín, São Paulo, (6): 197-210, 1986.
- CHIAPPINI, L. **A circulação dos textos na escola**. In: CITELLI, A. Outras linguagens na escola. São Paulo: Cortez, 2000.
- COSTA VAL, M. da Graça. **A gramática no texto**. Secretaria de Estado da Educação. Programa-piloto de inovação curricular e capacitação de professores do ensino médio, 1998.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**. As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar, 2003.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O Estatuto Pedagógico da Mídia**: questões de análise. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 1999.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2003.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. 12.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 47 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GERALDI, J. W. João Wanderley Geraldi. In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. (Org.) **Conversas com linguistas**: virtudes e controvérsias da linguística? São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

KENSKI, Vani M. **As Tecnologias na Educação Básica**. Boletim do Salto para o Futuro. Série TV na escola e os desafios de hoje, jun. 2002. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto>>. Acesso em: 27 de maio de 2016.

KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

KOCH, I. G. V. Ingedore G. V. Koch. In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. (Org.) **Conversas com linguistas**: virtudes e controvérsias da linguística? São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

LÉVY, P. **A máquina do universo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LÉVY, P. **O que é virtual**. São Paulo: 34, 1996.

LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência**. Rio de Janeiro: 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (trad. Paulo Neves). 1. ed. São Paulo. Editora 34: 1999.

LINSINGEN, Irlan von. Perspectiva educacional CTS: aspectos de um campo em consolidação na América Latina. **Ciência & Ensino**, vol. 1, número especial, novembro de 2007.

MARCUSCHI, L. A. Luiz Antônio Marcuschi. In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. (Org.) **Conversas com linguistas**: virtudes e controvérsias da linguística? São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). Gêneros textuais e ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A questão suporte dos gêneros textuais**. Língua, linguística e literatura. João Pessoa, v. 1, 2003.

MEURER, José Luiz e MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.). **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. Bauru: EDUSC, 2002, p. 17-29.

MORAN, Manuel. **A tecnologia de ponta e a comunicação professor-aluno**. In: III SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO, São Paulo, 1996.

MORAN, José Manuel. **Novos desafios na educação: a Internet na educação presencial e virtual**. In: PORTO, Tânia Maria E. Linguagens de educação e comunicação, Pelotas: Editora UFPel, 2001. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/novos.htm>> Acesso em: 27 de maio de 2016.

NAGAMINI, E. O discurso da publicidade no contexto escolar. In: CITELLI, A. **Outras linguagens na escola**. São Paulo: Cortez, 2000.

NOGUEIRA, N. R. **O Professor Atuando no Ciberespaço: Reflexões sobre a utilização da Internet com fins pedagógicos**. São Paulo: Érica, 2002.

SILVA, M. **Internet na escola e inclusão**. 2001. Tecnologias na escola – Ministério da Educação. Disponível em: Acesso em: 19 abr. 2013.

SILVA, R. V. M. **Contradições no ensino de português: a língua que se fala x a língua que se ensina**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. São Paulo: Àtica, 2005.

TADDEI, N. **Educar com a imagem**. São Paulo: Loyola, 1981, 2000.

TAPSCOTT, D. **Geração digital: a crescente e irreversível ascensão da geração net**. São Paulo: Makron Books, 1999.

APÊNDICES

Socializando os retratos da escola

Um grupo de professoras da EEB "Sara Castelhana Kleinkauf" iniciaram um curso de Especialização em Cultura Digital pelo MEC em parceria com a UFSC. A atividade aqui descrita refere-se à aplicação e análise de uma investigação realizada com os professores e alunos da nossa Unidade Escolar. A mesma teve como objetivo elencar informações referentes aos recursos tecnológicos utilizados no processo ensino aprendizagem.

Aplicação da Entrevista



Construção do Retrato da Escola na Cultura Digital

Ao retornar do evento presencial da Especialização em Educação na Cultura Digital, socializamos com o grupo escolar nossas expectativas em relação ao curso. Após muitas leituras, reflexões e análises nosso grupo passou a ter um novo olhar sobre as tecnologias e sua aplicabilidade na educação.

Podemos dizer que a EEB. Sara Castelhana Kleinkauf de Guaraciaba, possui recursos tecnológicos para desenvolver o ensino – aprendizagem, necessitando de melhorias significativas na conexão da internet, pois é lenta tornando o acesso limitado, por vezes desmotivando os professores e alunos a desenvolver o que foi planejado.

No questionário aplicado aos professores percebemos que todos possuem acesso a internet em suas casas, bem como algum recurso tecnológico, possibilitando um planejamento diversificado, não somente usando livro didático mas com recursos tecnológicos que amplie o conhecimento de forma mais dinâmica.

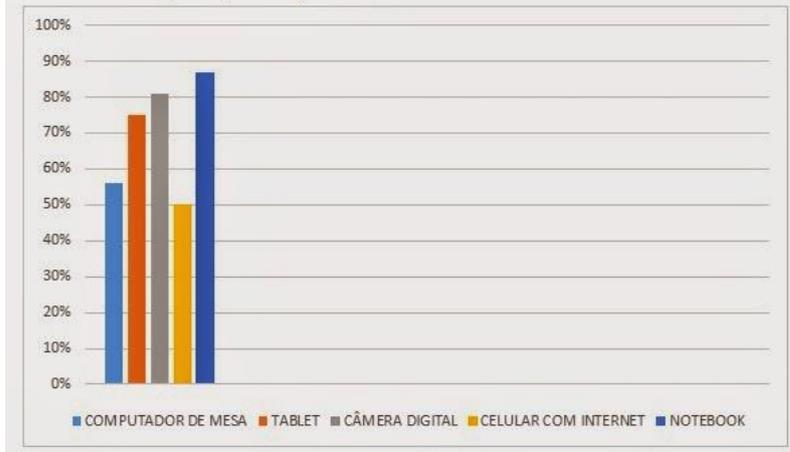
Também afirmaram que fazem uso da sala informatizada para o planejamento e execução de suas aulas, contando com ajuda do profissional que trabalha na respectiva sala.

Ao analisar o questionário aplicado aos alunos percebemos que 90% dos mesmos possuem internet em casa, sendo que o recurso tecnológico mais utilizado é o celular com internet, dizem também que além da pesquisa fazem uso para comunicação e lazer. Eles veem o uso das TDIC nas aulas como algo bom, auxiliando-os no desenvolvimento do conhecimento.

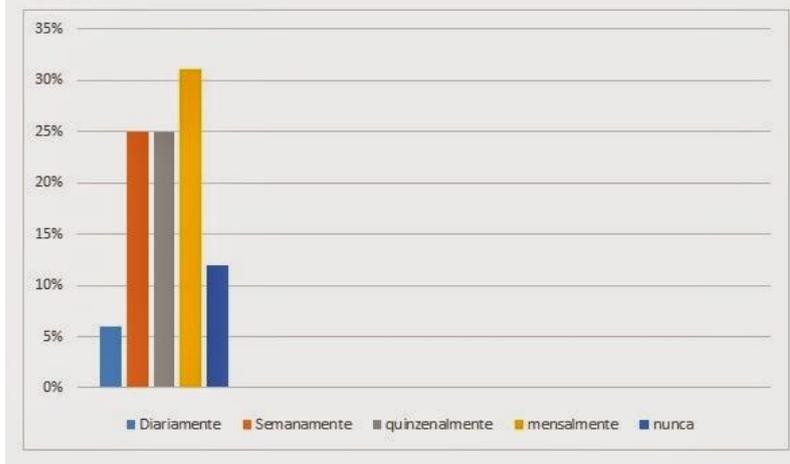
Sabemos que precisamos aprender a utilizar melhor essas novas formas tecnológicas que chegam até nós, bem como buscar formas diferentes, sair da zona de conforto para atrair, motivar e despertar o desejo de aprender dessas gerações de alunos nativos da cultura.



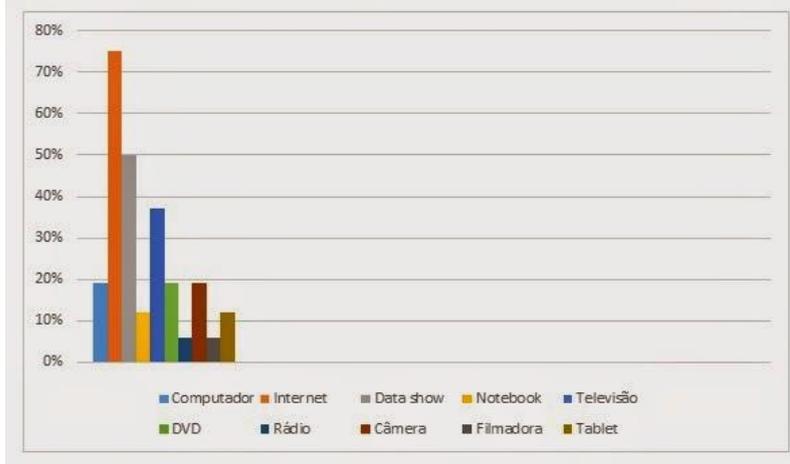
2- Recursos tecnológicos que você possui.



3. Com que frequência faz uso da sala informatizada na escola em que você trabalha para fins pedagógicos?

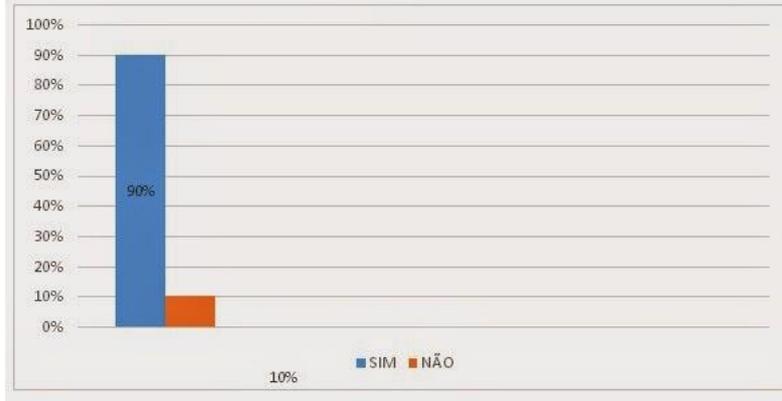


4. Que recursos tecnológicos você utiliza para realizar seu planejamento e execução de suas aulas?

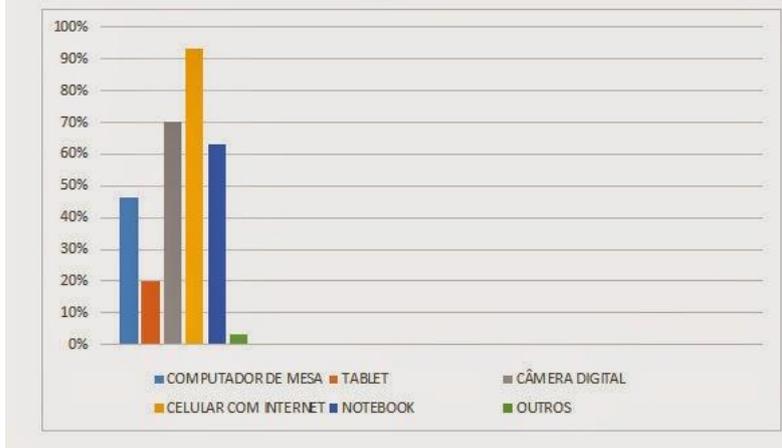


QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

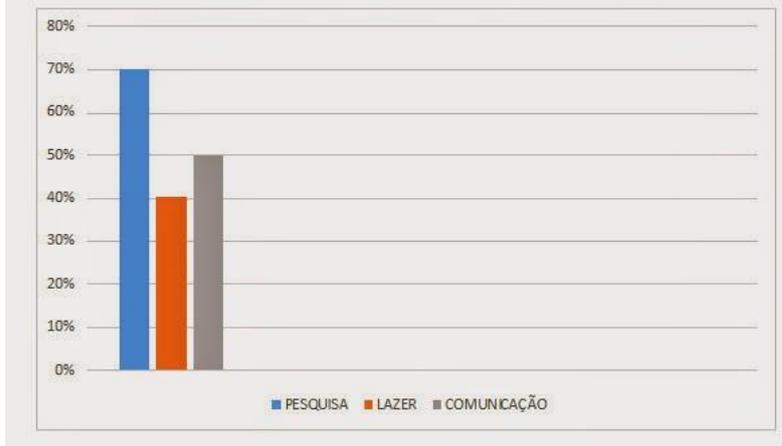
1-Você possui acesso a internet em casa?



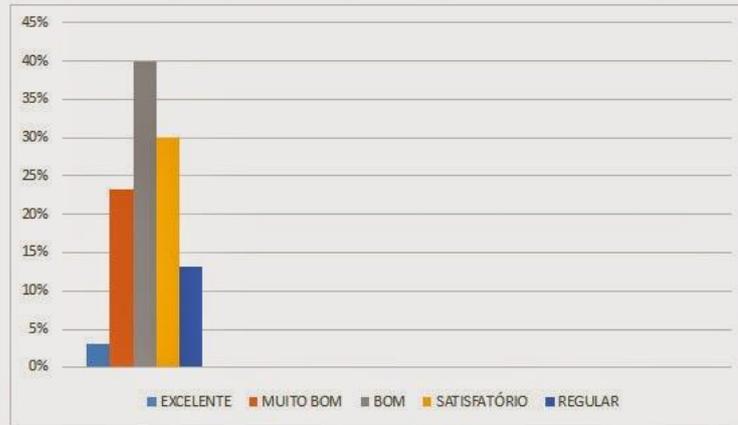
2- Recursos tecnológicos que você possui.



3. Para que fim você utiliza a internet com maior frequência.



4. Como você vê o uso das tecnologias no desenvolvimento das aulas que você frequenta.



5. Quais ferramentas tecnológicas os seus professores utilizam em sala de aula?



5. Precisa de mais formação para o uso das tecnologias no trabalho pedagógico?

